

Um derradeiro apelo?

12-5-946

122

Para alguns dos que me lêem todas as semanas — e eu sei que há muitos — a comungar nos mesmos ideais de justiça — as grandiosas cerimónias que hoje se iniciam em Fatima não terão outro significado além de mais uma romagem à Cova da Iria, como tantas se fizeram já entre nós. A chegada do Legado Pontifício dará por certo imponente maior às costumadas manifestações religiosas, mas que trará de benefício real ao mundo todo este dispêndio de energias, de tempo, e de dinheiro?

Para esses, que sentem aliás comigo a mesma sede de justiça social, escrevo este artigo, como um imperativo de consciência.

Em 1891 — faz precisamente depois de amanhã 55 anos — o Papa Leão XIII dirigiu ao mundo um impressionante apelo em favor da justiça social, defendendo os direitos inalienáveis dos operários, condenando a sordida cobiça do lucro, a apatia dos Governos liberais, os desmandos da economia, bem como as reacções violentas e materialistas do socialismo marxista. Nesse notável documento, a que se chamou a *Magna Carta* do Trabalho, o Sumo Pontífice avisava solenemente *«a sorte da classe operária será resolvida pela razão ou sem ela, e não pode ser indiferente às Nações que o seja dum modo ou doutro»*.

O aviso era claro: se não quisessem os povos resolver a questão social pela razão, não tardaria a resolver-se contra ela.

Dez anos mais tarde, verificando o mesmo santo velhinho que pouco ou nada aproveitara o mundo dos seus ensinamentos, dirigiu nova carta, novo apelo (18 de Janeiro de 1901), recordando que *«não era facultativo negociar ou favorecer a sorte dos humildes, mas antes um verdadeiro dever»*, cujo não cumprimento *«traria para toda a sociedade desastrosos flagelos, de modo que aquele que descura os interesses do povo que sofre, se mostra imprevidente para si mesmo e para o Estado»*. Para *«se evitarem os perigos, dia a dia, mais graves»*, continuava Leão XIII, temos necessidade de corações audaciosos e de forças unidas: *«numa época em que a seara de dores que se desenvolve diante dos nossos olhos é demasiado vasta e em que se vão acumulando sobre as nossas cabeças formidáveis perigos de perturbações ruinosas...»*

Um ano depois, o velho Papa descia à sepultura cercado pelo coro de louvores do mundo inteiro, mas levando consigo a grande máguia de não ser ouvido nem acreditado.

Rolaram os anos e surge a guerra mundial. Com o armistício de 1918 e com o tratado de Versaillies, julgou o mundo ter encontrado definitivamente a paz. Os Sumos Pontífices continuaram, porém, a avisar as Nações de quanto seriam iludidas as suas esperanças, se não se procurasse arrepiar imediatamente caminho.

Pio XI, em 1931 — faz precisamente depois de amanhã 16 anos — escrevia estas palavras de severa admoestação: *«é necessário empregar energeticamente todos os esforços para que ao menos de futuro, as riquezas grangeadas se acumulem em justa proporção nas mãos dos ricos, e, com suficiente largueza se distribuam pelos operários, não para que estes se deem ao ócio, mas para que, vivendo com parcimónia, aumentem os seus haveres, aumentados e bem administrados provejam aos encargos da família; e livres de uma condição precária e incerta qual é dos proletários*

não so possam fazer frente a todas as eventualidades durante a vida, mas deixem ainda por morte alguma coisa aos que lhe sobrevivem. Esta doutrina já por Leão XIII não só insinuada, mas abertamente proclamada. Nós de novo e com mais insistência a inculcamos com esta nossa encíclica: pois, *«desenganam-se todos que, se não se põe em prática quanto e com todas as veras, será impossível defender eficazmente a ordem pública, a paz e a tranquilidade da sociedade humana»*.

Não contente com esta advertência, logo a seguir, acrescentava: *«não é sem dor profunda que vemos a apatia dos que parecem desprezar perigos tão iminentes, e com desleixo pasmoso deixam propagar por toda a parte doutrinas que porão a sociedade a ferro e fogo. Sobretudo é digna de censura, a inércia daqueles que não tratam de suprimir ou mudar um estado de coisas que, exasperando os ânimos, abre caminho à subversão e ruína completa da sociedade»*.

Dé 1931 — ano em que foram escritas estas palavras — a 1939, data em que morreu oferecendo a sua vida pela Paz entre os homens, o indomável Pontífice condenou solenemente os erros totalitários e regalistas da Action Française, escreveu uma carta de intemerata energia a denunciar os erros e os perigos do fascismo, dirigiu ao povo alemão uma encíclica a desmascarar os desmandos do nazismo e publicou uma solene condenação do comunismo ateu, preconizando a realização da justiça so-

cial como unico meio de lhe entrar os passos ameaçadores.

Na alvorada da nova guerra, o actual Pontífice continuou os ensinamentos dos seus Predecessores, proclamando, em 1939, como condições de paz, os cinco pontos seguintes: direito à vida, para cada nação, redução dos armamentos, constituição dum organismo jurídico internacional, exame benevolente das justas reclamações dos povos e das minorias étnicas e fé no valor transcendente das exigências da justiça. Em 1940, novamente resumia em outros cinco pontos o que era necessário alcançar-se para obter a paz: vitória sobre o ódio, vitória sobre a desconfiança, vitória sobre o funesto principio de que a utilidade é que é a regra e a base dos direitos ou de que a força cria o direito, vitória sobre os germes da guerra que vêm a ser as demasiado gritantes injustiças económicas no dominio da economia mundial, e vitória sobre o espirito do duro egoismo.

Em 1942 avisava mais uma vez os povos de que não encontrariam a paz nem a realização da justiça social e sem o respeito pela dignidade humana e cristã do operário, a quem se deveria urgentemente libertar da opressão da miséria, porque *«não era permitido adiar por mais tempo as necessárias reformas sociais»*.

Como os seus Predecessores, o actual Pontífice tem advertido dezenas de vezes esta pobre e louca humanidade das ameaças que pesam sobre ela, se não quiser abrir caminho para a justiça entre os povos e para a justiça económica entre os indivíduos e as classes.

Nem por isso acreditam os homens nos avisos do Sumo Pontífice.

O envio de um seu representante nessoal até nós, não tem, por isso, apenas um significado religioso. Trata-se de mais um apelo ao mundo

VFORUM
DESENVOLVIMENTO
E SOLIDARIEDADE

Todos os direitos reservados

seg
alt
aci
me
mi
co

ma
pa
fo
«J
no
e

para que desperte do sono n...
em que tem vivido, abraçando
decisão os principios salvadore
cristianismo social e fraterno.
Talvez seja este o último aviz...
Se os homens o não escutarem
do o mais será inútil e quem
se demastadamente tardio para
entre as Nações.

ABEL VARZIM